

“Como Paris Hilton diria: Sou periférica sim”: performance *drag* e o sistema moderno-colonial de gênero

“As Paris Hilton would say: I’m ghetto”:
drag Performance and the Modern-Colonial Gender System

Ludmila Mendes Ferreira¹
Ana Cláudia Peters Salgado²

Resumo: O presente artigo propõe traçar entendimentos sobre questões de colonialidade e decolonialidade (SANTOS, 2010), refletindo sobre a performance *drag* e sua relação com o sistema moderno-colonial de gênero (LUGONES, 2020) que caracteriza o pensamento moderno ocidental abissal. Embasado na perspectiva da Linguística Aplicada Indisciplinar e Transgressiva (PENNYCOOK, 2006), assumindo, em seu interior, um compromisso com Epistemologias do Sul (SANTOS, 2018), este artigo pretende refletir em que medida as performances *drag* configuram-se ou qualificam-se como ações de resistência a colonialidades, ou em que medida elas reforçam padrões e normas do próprio sistema colonial de gênero do qual são opositoras. Com efeito, considera-se o contexto de superdiversidade (VERTOVEC, 2007), simultaneamente local e universal, bem como perspectivas de linguagem que entendem a importância de reconhecer e validar os conhecimentos produzidos por pessoas que têm sofrido, sistematicamente, opressão, exclusão, dominação e injustiças causadas pelo eurocentrismo, pensamento abissal e patriarcado. Para tanto, serão analisadas narrativas de textos retirados do *Instagram* de uma *drag queen* de Juiz de Fora (MG). Por fim, chega-se a compreensões temporárias, que apontam para uma concepção de que o *fazer* decolonial é um constante processo de desamarras de crenças instituídas nos corpos, que, por meio de atos performativos, potencializam resistências a sistemas de poderes e a categorias sociais.

Palavras-chave: performance *drag*; sistema moderno-colonial de gênero; análise discursiva; repertório linguístico.

Abstract: Reflecting on *drag* performances and their relationship with the modern-colonial gender system (LUGONES, 2020), which characterizes the western modern thinking, this article proposes possible comprehension of issues related to coloniality and decoloniality (SANTOS, 2010). Based on the perspective of a Indisciplinary and Transgressive Applied Linguistics (PENNYCOOK, 2006), that assumes, within it, a commitment to South Epistemologies (SANTOS, 2018), this article discusses *drag* performances thinking on what extend they can be configured or qualified as actions of resistance to coloniality, or even to what extent they reinforce patterns and norms of the same colonial gender system they are opposed to. Furthermore, it is relevant to pinpoint the context of superdiversity (VERTOVEC, 2007), both local and universal, as well as language perspectives that understand the importance of recognizing and validating the knowledge produced by people who have systematically suffered oppression, exclusion, domination and injustices caused by eurocentrism, the abyssal

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Linguística, Juiz de Fora, MG, Brasil. Endereço eletrônico: mendesludmila.lettras@gmail.com.

² Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Linguística, Juiz de Fora, MG, Brasil. Endereço eletrônico: ana.peters@ufff.edu.br.

thinking and the patriarchy. In order to do so, narratives taken from Instagram texts of *drag* queen from the city Juiz de Fora (MG) are analyzed. Finally, temporary comprehension reveals that “to do” or “to be” decolonial is a constant process of untying beliefs that are instituted in our bodies which, through our performative acts, become potential of resistance to systems of power and social categories.

Keywords: *drag* performance; modern-colonial gender system; discourse analysis; linguistic repertoire.

Introdução

Segundo Boaventura de Sousa Santos (2010), o pensamento moderno ocidental consiste em um *pensamento abissal*, isto é, em um sistema de distinções visíveis e invisíveis, de modo que o mundo moderno ocidental está dividido entre *este lado da linha* – o lado visível, da lei – e o *outro lado da linha* – o lado invisível, ilegal. Essa divisão, por sua vez, é construída de tal forma que a existência *deste lado da linha* depende da inexistência do *outro lado*. Em outras palavras, “a característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha” (p. 72).

Com efeito, conforme o autor, para confrontarmos o pensamento abissal, que ordena as estruturas sociais hegemônicas, é preciso, primeiro, reconhecer a tenacidade do pensamento abissal para, em seguida, pensar a partir da perspectiva do *outro lado da linha* e *agir além dele*:

A emergência do ordenamento da apropriação/violência só poderá ser enfrentada se situarmos nossa perspectiva epistemológica na experiência social do outro lado da linha, isto é, do Sul global, concebido como a metáfora do sofrimento humano sistemático e injusto provocado pelo capitalismo global e pelo colonialismo. O pensamento pós-abissal pode ser sintetizado como um aprender com o Sul usando uma epistemologia do Sul (SANTOS, 2018, p. 79).

O pensamento pós-abissal deve assumir, em seu interior, epistemologias do Sul (SANTOS, 2010), isto é, um conjunto de procedimentos que buscam reconhecer e validar o conhecimento produzido por pessoas que têm sofrido, sistematicamente, opressão, exclusão, dominação e injustiças causadas pelo eurocentrismo, pelo capitalismo, pela colonialidade e pelo patriarcado, contrapondo-se à monocultura da ciência moderna. Nesse sentido, o presente artigo busca *reconhecer* e *valorizar*³ performances linguísticas entendidas como *desviantes*, *ilegais* e *incorretas* segundo as normas prescritas por ideologias linguísticas monolíticas e colonialistas.

³ É importante destacar que quando afirmamos que é necessário valorizar e reconhecer certas performances linguísticas entendidas como desviantes, conforme perspectivas estruturalistas, não estamos argumentando que essas práticas não são valorizadas ou reconhecidas por si só, isto é, defendemos que cabe ao falante, ou

A proposta de refletir sobre a performance *drag* como práticas legítimas e potenciais de resistência à colonialidade é uma tentativa de reforçar que “o conhecimento não está ausente das práticas sociais, o conhecimento científico é que se arrogou o privilégio de estar separado das outras práticas sociais, sendo ele próprio uma prática social, a prática social do conhecimento” (SANTOS, 2018, p. 32). Portanto, entendemos que adotar uma perspectiva do Sul é voltar nossos olhares e reflexões para práticas sociais marginalizadas, ridicularizadas, apagadas e ignoradas pelo esquema de opressão/dominação do colonialismo.

Com efeito, este artigo propõe uma breve análise de uma pequena narrativa (não-canônicas) de uma *drag queen* da cidade de Juiz de Fora (MG), reunidas em redes sociais, especificamente do *Instagram*, de modo a traçar entendimentos transitórios acerca da performance *drag* e o sistema moderno-colonial de gênero, adotando a perspectiva das práticas translíngues e das epistemologias do sul. Para tanto, o presente estudo será desenvolvido a partir dos seguintes tópicos: (i) a linguística aplicada transgressiva (PENNYCOOK, 2006) e seu papel na realidade globalizada (KUMARAVADIVELU, 2006) e a proposta dos estudos translíngues (OTHEGUY, GARCÍA E REID, 2015); (ii) a performance de gênero (BUTLER, [1990] 2017); (iii) as epistemologias do Sul (SANTOS, 2018) e as questões de colonialidade, decolonialidade (MIGNOLO, 2008; QUIJANO, 2010; SANTOS, 2018), e o sistema moderno-colonial de gênero (LUGONES, 2020); (iv) a análise de pequenas narrativas (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008).

A Linguística Aplicada Indisciplinar e Transgressiva na modernidade recente

Na contemporaneidade, entendemos ser fundamental refletir sobre os processos que acompanham este momento histórico. É preciso considerar esses macrocontextos, de forma a compreender seus impactos sociais e consequências para os estudos das ciências humanas e sociais. Com efeito, é inevitável pensar sobre a globalização que, longe de ser um evento recente, tem seu primeiro estágio com *as bandeiras do cristianismo*, ou seja, nos primeiros processos de colonização europeia (MIGNOLO, 1998, *apud* KURAMADIVELU, 2006, p. 130). Por outro lado, apesar de ser um processo milenar, abundantemente discutido, é também um processo em constante mutação, e cada fase desse modelo tem suas características peculiares (KUMARAVADIVELU, 2006). O traço mais distintivo de sua mais nova fase é a ascensão da internet e as redes de comunicação eletrônica que a acompanham, de forma que

determinados grupos sociais, atribuir valor e reconhecimento a suas performances linguísticas. Contudo, reconhecemos também que há uma necessidade de reafirmar a legitimidade dessas performances linguísticas dentro dos estudos linguísticos e em espaços dominados por uma elite acadêmica tradicionalista.

esses novos traços se tornaram o motor impulsor da economia, bem como das identidades culturais/linguísticas:

[...] a internet tornou-se uma fonte singular que imediatamente conecta milhões de indivíduos com outros, com associações particulares e com instituições educacionais e agências governamentais tornando as interações à distância e em tempo real possíveis (KUMARAVADIVELU, 2006, p. 131).

Essas novas possibilidades de conexões são ilustradas principalmente pelas mídias sociais, como o *Instagram*, o *Facebook*, o *Twitter*, o *WhatsApp* e o *TikTok*. Essas redes de comunicação permitem às pessoas que partilham experiências, gostos e ideologias conectarem-se e fazerem parte de um grupo. Como exemplo, na Figura 1, a comunidade do *Facebook TINAR* (anteriormente nomeada *This is not a RuPaul Best Friends Group*) é um grupo privado de *shade*⁴, em que as pessoas discutem sobre o *reality show RuPaul Drag Race* entre outros aspectos de suas experiências individuais e coletivas.

Figura 1: Grupo privado *TINAR*.



Fonte: arquivos da pesquisadora.

Nesse grupo, é possível identificar os efeitos dessa nova fase globalizada nas identidades linguísticas. O próprio nome do grupo – *TINAR* – é a materialização linguística de que apenas aqueles que estão familiarizados com as rotinas comunicativas do grupo podem compreender, participar e negociar nas interações, o que é reforçado pelo fato de o grupo ser fechado. Desse modo, é inegável que o repertório linguístico – ao mesmo tempo particular e universal – perpassa as vivências dessas pessoas nessas redes sociais e em grupos de interesse. Logo, parece

⁴ Com o significado de ironizar, falar mal de algo ou alguém, esse termo tem sua origem nas comunidades *drags* dos Estados Unidos, sendo comumente utilizado hoje por jovens adultos e adolescentes que se identificam como LGBTQIA+, bem como aliados, em processos de interações sociais dentro e fora das redes sociais.

impossível não considerar o impacto dessa nova fase da globalização na maneira como vivemos e em nossos repertórios biográficos (BUSH, 2015).

Essa inovação e essa criatividade em mídia social são marcadas por uma prática da língua(gem) imersa em formas de entretenimento popular que, por sua vez, abarca um universo de pessoas, lugares, línguas e culturas (DOVCHIN; PENNYCOOK; SULTANA, 2018). A Figura 1 demonstra a materialidade multimodal dessas interações nesse novo estágio da globalização. Tal realidade, em nosso entendimento, é caracterizada por uma diversificação da diversidade, a que o antropólogo Steven Vertovec (2007), ao discutir sobre a mobilidade e os movimentos migratórios em Londres, denomina como Superdiversidade.

Observando a capa do grupo *TINAR*, na Figura 1, podemos reconhecer os efeitos dessa superdiversidade simultaneamente universal e local: temos o nome e o slogan da novela da rede Globo – *Amor de Mãe* –, televisada entre o final de 2019 e o início de 2020, com a imagem de uma *drag* do *reality show* norte-americano *RuPaul Drag Race*, sentada em um banco ao lado do *slogan* da novela brasileira. Durante a sua participação no programa, essa *drag queen* revelou aos espectadores ter sido abandonada por sua mãe, quando criança, em um ponto de ônibus. Os participantes do grupo, portanto, desenvolvem esse texto multimodal como forma de ironizar a história da *drag queen*, além de confirmar a posição do grupo de ser um espaço dedicado ao *shade*.

Partindo desses aspectos, indagamos: qual seria, portanto, o papel da linguística aplicada nessa realidade superdiversa e globalizada? Que mudanças epistemológicas são necessárias para fazermos uma ciência cuja preocupação seja a inclusão e a justiça social? Alguns desses questionamentos são discutidos por Ben Rampton (2006), quando faz um aparato do papel da sociolinguística e da linguística aplicada nos diversos períodos de sua história. Quando trata da linguística aplicada na modernidade recente, o autor remete a questões de legitimação e resistência, defendendo que “é difícil pensar em outra área de estudo da linguagem tão centralmente relacionada com fluidez, marginalidade e transição, com o que as pessoas não podem fazer com a linguagem e como elas *se viram* com o que podem” (p. 120).

Pensando, então, em uma proposta de linguística aplicada que busca ser indisciplinar, inclusiva, preocupada com a língua(gem) no mundo social, de forma a legitimar e desmarginalizar repertórios linguísticos que foram ignorados e apagados, por anos a fio, concordamos com Pennycook (2006) para quem:

Uma linguística transgressiva se baseia em uma abordagem transgressiva da teoria e da disciplinaridade. Aqui ‘transgressivo’ se refere à necessidade

crucial de ter instrumentos tanto políticos como epistemológicos para transgredir as fronteiras do pensamento e das políticas tradicionais. [...] A teoria transgressiva assinala a intenção e transgredir, política e teoricamente, os limites do pensamento e das ações tradicionais, não somente entrando em território proibido, mas tentando pensar o que não deveria ser pensado, fazer o que não deveria ser feito (PENNYCOOK, 2006, p. 82).

Nesse sentido, compreendemos que, no escopo da linguística aplicada transgressiva, é preciso demarcar as ideologias linguísticas que permeiam a proposta do presente artigo. Assim, sobre a perspectiva/ideologia de língua, alinhamo-nos a Makoni e Pennycook (2015), segundo os quais as línguas, como categorias separáveis e enumeráveis, são invenções que atendem ao propósito colonizador cristão:

Começamos com a premissa de que as línguas são invenções. [...] juntamente com a invenção das línguas, uma ideologia de línguas como categorias separáveis e enumeráveis também foi criada. Trata-se de uma ideologia fundamentada em uma visão nominal de língua. [...] as línguas são vistas como instituições, uma visão reforçada pela existência de gramáticas e dicionários [...] **precisamos desinventar e reconstruir as línguas** (MAKONI; PENNYCOOK, 2015, p. 11, sem destaque no original).

Assim, compreendido que uma concepção de língua como um sistema de unidades separáveis consiste em uma ficção que atende a propósitos de dominação e normatização, o presente artigo busca como aporte teórico uma perspectiva que se preocupe em *desinventar* esses conceitos estagnados e normativos de língua. Desse modo, disponhamo-nos a pensar as performances linguísticas da *drag queen* sob a perspectiva de repertórios biográficos (BUSCH, 2015) que se configuram como práticas translíngues. Enfatizando práticas de negociações locais e privilegiando performances linguísticas fluidas, a perspectiva dos estudos translíngues preocupa-se em repensar o conceito de língua(gem) sob o ponto de vista do falante e de seu repertório biográfico.

Em outras palavras, a prática translíngue não está interessada em distinguir os códigos performados pelo indivíduo e a quais línguas nomeadas eles se referem, mas em como diferentes recursos comunicativos são performados para produzir significados, e o que essas práticas heteroglóssicas da linguagem simbolizam para o falante (BUSCH, 2012). Com efeito, a prática translíngue focaliza (e localiza) a performance linguística no falante, criando um espaço sociolinguístico cujo repertório linguístico-biográfico une identidade, alteridade, crença, ideologia, corporeidade, atitude, experiência, história e cognição.

Com efeito, Otheguy, García e Reid (2015) definem práticas translíngues como a performance do repertório linguístico de um falante, sem levar em consideração a observância

atenta aos limites definidos, social e politicamente, das línguas nomeadas. Assim, o falante, para interagir socialmente, mobiliza e indexicaliza variados recursos linguísticos e paralinguísticos em seu repertório, criando e negociando significados e entendimentos. Pode-se dizer, portanto, que as práticas translíngues consistem na escolha de performatividades linguísticas, identitárias e sociais.

A ficção de um gênero verdadeiro e a performance *drag*

Atualmente, apesar de não se autonear uma filósofa *queer*, Judith Butler ([1990] 2017) é amplamente citada como referência dos estudos *queer*, uma vez que adota uma perspectiva crítica das identidades engessadas e fixas que são conferidas às pessoas. A autora argumenta que a identidade, quando atribuída à pessoa, tem o propósito de oprimir e limitar as subjetividades, como forma de sistema de controle dos corpos. Assim, Butler ([1990] 2017) propõe que pensemos as identidades de formas desconstrutivas.

Desafiando categorias identitárias essencialistas, Judith Butler ([1990] 2017) defende que o gênero é uma ilusão, uma invenção definida não biologicamente, mas socialmente, um produto moldado pela reiteração e estilização de um comportamento, considerando que o *gênero verdadeiro* é uma idealização/fantasia, instituída e inscrita sobre as superfícies dos corpos:

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um locus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero (BUTLER, [1990] 2017, p. 242).

A desessencialização da noção de gênero questiona posicionamentos teóricos que compreendem quaisquer performances de gênero e sexualidade como claras, homogêneas, sem ambiguidades, com modelos prontos. Segundo Moita Lopes e Fabrício (2013, p. 288), a teorização de Butler ([1990] 2017) “desestabiliza qualquer sentido de essência, estabilidade, certeza, homogeneidade e universalidade para os gêneros e as sexualidades, não colocando nenhum lugar claro, determinado e nítido para posição *queer*”.

Entendendo o gênero como uma performance em que não há identidades originais ou anteriores às normas de gênero, mas que a própria ação resulta na criação dessas normas, a autora considera o gênero como um *fazer*, e não como um *ser*. Com efeito, Butler ([1990] 2017)

apresenta dois conceitos fundamentais à sua teoria: performance (ato de performar o gênero) e performatividade (repetições não racionalizadas de comportamentos estilizados sobre quem podemos/devemos ser).

Para Judith Butler ([1990], 2017), a performatividade consiste em atos, palavras e gestos que produzem um efeito na superfície dos corpos. Dessa forma, a essência ou a identidade da pessoa que se pretende expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. Em outras palavras, os atributos de gênero não são expressivos, mas performativos.

Nesse sentido, é importante compreender que a performatividade não é uma performance; ela é, sim, “o que potencializa e limita a performance” (BORBA, 2014, p. 450). Com efeito, reafirmando a necessidade de compreender a performatividade não como uma ação em que uma pessoa traz à existência o que nomeia, mas como um poder reiterativo do discurso para produzir fenômenos que regulam e impõem efeitos nas superfícies dos corpos, Butler (2019) destaca que a performatividade não necessariamente realiza uma ação, mas confere um poder vinculativo à ação realizada.

Uma vez pensadas as identidades de gênero como categorias socialmente construídas, um modelo de associação inventado – sexo biológico e *identidade de gênero*, determinando que mulher é aquela pessoa com o órgão genital denominado vagina –, cujo propósito é controlar e normatizar nossos corpos, nesta seção trataremos sobre as performances de gênero de *drag queens*, caracterizadas por Judith Butler ([1990] 2017) como potenciais subversivos, uma vez que se rebelam contra essas categorias *a priori* impostas sobre nossos corpos e atos.

Conforme José Gadelha (2009) e Pedro Almeida (2019), por meio da montagem, as artistas *drag* transformam seus corpos etiquetados de masculinos em outros corpos, que não são separados por forças categóricas como gênero e sexo:

De certa forma, o corpo *drag* faz vazar o sistema binário dessas forças, fazendo funcionar um devir corpo feminino. [...] O corpo drag não é o modelo de corpo da representação mulher nem o modelo de corpo da representação homem. O corpo drag pode vir a ser um corpo feminino, sendo que não é um corpo masculino. As *drags* não se encontram aqui nem lá na gramática sexista do social. Elas estão em situação liminar perante as regras de gênero dominantes, já que não são de uma vez por todas, homens nem mulheres, tampouco masculinas ou femininas, experimentando o que há de fugido nos segmentos duros de gênero, sexo e sexualidade (GADELHA, 2009, p. 79).

Apesar de a concepção de *drag* dos autores ser adequada, é necessário fazer algumas considerações e ressalvas sobre essa definição. Destacamos, primeiro, a concepção de que

drags transformam seus corpos etiquetados masculinos, uma vez que essas performances não são exclusivas em pessoas rotuladas masculinas; o fazer *drag* não tem um lócus específico. Além disso, os corpos rotulados femininos também estão (e devem ser) incluídos como possíveis superfícies de performance *drag*.

Ao discutir o conceito de performatividade, Judith Butler ([1990] 2017) destaca a performance de *drag queens* e *drag kings* como estilos parodísticos de gênero, que se configuram como um ato de subversão e revolução: “ao imitar o gênero, a *drag queen* revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero – assim como sua contingência” (p. 237). De acordo com a autora, a performatividade *drag* desafia o *status quo* e as táticas de imposição, revelando os mecanismos que forjam a ilusão da existência de uma identidade de gênero.

Feitas essas considerações, compreendemos que o fazer *drag* é uma forma artística, multimodal, de atos performativos – que podem ou não elucidar modelos binários –, propondo novas formas de fazer e agir, livre de categorias impostas, em uma língua(gem) híbrida, que envolve variados repertórios de dança, teatro, artes plásticas, entre outras formas de posicionamento e agenciamento no mundo social.

Colonialidade do ser: o sistema moderno-colonial de gênero

Conforme Boaventura de Sousa Santos (2018), o colonialismo é uma relação de poder/dominação violenta de controle político do trabalho, da produtividade, e da forma de ser e conhecer de um determinado grupo sobre outro. Em contrapartida, propondo a emancipação econômica e epistêmica dos povos colonizados, a descolonização tem como fundamento a libertação materializada no direito inalienável de um povo ter sua própria história, tomando decisões com base em suas realidades locais e em suas experiências/vivências.

Já a colonialidade, de acordo com Aníbal Quijano (2010), é um conceito vinculado a colonialismo, referindo-se a uma outra face do eurocentrismo, resultado da manutenção das relações coloniais e do processo de dominação/exploração. Nesse sentido, a colonialidade relaciona-se com as formas de dominação após o fim das administrações coloniais metropolitanas, ou seja, após o fim do esquema territorial de colônias e metrópoles.

Quanto aos conceitos de descolonização e descolonialidades ou decolonialidades – algumas/alguns autoras(es) preferem o prefixo de-, uma vez que não creem ser possível desfazer (completamente) o complexo processo de colonialismo fixados em nosso ser e subjetividade – Santos afirma que esse posicionamento contesta a naturalização da inferiorização da alteridade e da despolitização do mundo:

[...] descolonizar o conhecimento passa por uma revisão crítica de conceitos centrais, hegemonicamente definidos pela racionalidade moderna – estrutura de saber que legitima a expansão do projeto civilizacional moderno ocidental no mundo –, como história, identidades, conhecimento, cultura, entre outros. A luta pela descolonização e a aposta descolonial sublinham que se trata, acima de tudo, de lutas pelo controle da consciência, pela libertação da opressão do conhecimento enquanto monocultura (SANTOS, 2018, p. 105-106).

Com efeito, Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (2010) defendem que, para pensarmos decolonialidades, é preciso pensarmos nas perspectivas do Sul. Os autores, portanto, defendem uma abordagem epistemológica do Sul, esse concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos que propõem reparar danos e impactos causados pelo capitalismo na sua relação com o mundo:

A ideia central é, como já referimos, que o colonialismo, para além de todas as dominações porque é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados. As epistemologias do Sul são o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa supressão, valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos (SANTOS; MENESES, 2010, p. 6).

Retomando aos efeitos da colonialidade, em especial nos corpos do Sul, as disputas pelo controle da subjetividade do *outro* no colonialismo materializam-se, entre outros processos, no que Aníbal Quijano (2010) define como *colonialidade das relações de gênero*. A colonialidade do gênero envolve a dominação do sexo, seus produtos e a reprodução da espécie:

[...] as normas e os padrões formal-ideias de comportamento sexual dos gêneros e, conseqüentemente, os padrões de organização familiar dos ‘europeus’ estão diretamente assentes na classificação social [...] a unidade e integração familiar, impostos como eixos do padrão da família burguesa do mundo eurocentrado [...] (QUIJANO, 2010, p. 111).

No entanto, de acordo com María Lugones (2020) as reflexões de Aníbal Quijano sobre a colonialidade do sexo e seus produtos, ainda que relevantes para as discussões sobre os efeitos do colonialismo sobre noções como gênero e sexualidade, pressupõem uma compreensão patriarcal e heterossexual das disputas pelo controle do sexo, seus recursos e produtos. Segundo a autora, Quijano aceita o entendimento capitalista, eurocêntrico e global sobre o gênero, sem contestá-lo. Desse modo, o quadro de análise eurocentrista e capitalista de Quijano oculta o

entendimento de que “as mulheres colonizadas, não brancas, foram subordinadas e destituídas de poder” (LUGONES, 2020, p. 58)

Para María Lugones (2020, p. 60), as investigações sobre os efeitos do colonialismo eurocêntrico, capitalista, patriarcal nas relações de gênero não têm sido suficientemente exploradas conjuntamente. Com efeito, a autora propõe a expansão dessas discussões a partir da análise de dois marcos – a interseccionalidade e a colonialidade do ser –, argumentando que a interseção dessas duas linhas de análise permite chegar ao que ela nomeia como *sistema moderno-colonial de gênero*.

Caracterizar esse sistema de gênero como colonial/moderno possibilita compreender a real profundidade da imposição colonial, além de estender historicamente seu alcance destrutivo. Em suma, María Lugones (2020, p. 60) propõe uma tentativa de tornar “visível a instrumentalidade do sistema de gênero colonial/moderno em nossa subjugação – tanto dos homens como das mulheres de cor – em todos os âmbitos da vida”.

A proposta de gênero como categoria de análise decolonial possibilita compreender como as linguagens – gênero e raça – são concebidas em determinado contexto, produzindo diferentes experiências e desestabilizando categorias normativas. Dessa forma, é possível perceber a multiplicidade do fazer gênero, fora (ou não) de binarismos e dicotomias ocidentais modernas, descentralizando-se hierarquizações. Lugones (2019, p. 362) sugere que se concentre sobre os indivíduos que resistem à colonialidade dos gêneros pelas *diferenças coloniais*. Em outras palavras, o foco deve incidir sobre aqueles atores sociais cujas performances buscam a libertação subjetiva/intersubjetiva, resistindo à organização e ao sistema de controle colonial.

Metodologia

As reflexões sobre os dados apoiam-se em uma perspectiva de pesquisa qualitativa, definida, segundo Denzin e Lincoln (2018), como uma abordagem naturalista, interpretativa. Esse modelo de investigação perpassa disciplinas, campos e temas em que o/a pesquisador(a), além de atuar como observador(a) e agente, descreve e interpreta momentos e significados do campo pesquisado, estuda os fenômenos em seus cenários naturais e busca entendê-los ou interpretá-los em termos dos significados conferidos a eles pelos indivíduos.

Indo além, o presente artigo propõe como método a análise do discurso orientada pela etnografia da linguagem. Rampton, Maybin e Roberts (2014), definem as características que constituem a etnografia nos seguintes aspectos: na preocupação em buscar localmente significados em processos de interação entre o *familiar* e o *estranho*; o foco nos diferentes

níveis/dimensões dos processos e organizações socioculturais; na busca por padrões particulares e sistematicidade; na sensibilização de conceitos e abertura para os dados, em oposição a construtos definitivos, em um processo dialético; na reflexividade e participação subjetiva do pesquisador; na irredutibilidade da experiência.

Segundo os autores, a etnografia da linguagem consistiria na compreensão de que se tratamos a linguística e a análise do discurso como um conjunto de conceitos *sensibilizados*, de forma a sugerir direções para quais observar, ao invés de oferecer construtos definitivos, prescrevendo o que deve ser observado, além de aplicar a isso uma compreensão reflexiva e construtivista, aceitando a participação da subjetividade dos participantes e pesquisadores na circulação do poder/conhecimento, o aparato linguístico é epistemologicamente reposicionado de tal forma a tornar-se a extensão da etnografia. Nesse sentido, a análise discursiva das pequenas narrativas multimodais apresentadas neste artigo não se preocupa em apresentar construtos, ou respostas a priori, ao contrário, pretende oferecer uma análise reflexiva, sensibilizada que compreende a *interferência* da intersubjetividade do pesquisador e participante de pesquisa, isto é, busca por construir interpretação a partir da interação do Eu e do Outro, do familiar e do estranho.

Além disso, este artigo parte da concepção de que a análise do discurso é um método de pesquisa que propicia evidências sistemáticas sobre processos sociais por meio da análise detalhada da fala, da escrita e de outros signos semióticos. Wortham e Reyes (2015) argumentam que a análise do discurso está além do evento de fala, de modo que recursos linguísticos e semióticos mobilizados revelam atos sociais.

Ancorando-se nesses pressupostos, propõe-se uma análise do discurso de narrativas baseada em uma perspectiva interacional. Essa abordagem, além de postular a existência de uma variada gama de gêneros narrativos, que são construídos em processos de interação cotidianos, investiga de que forma as estruturas das narrativas refletem performances, funções e ações sociais (SCHIFFRIN 1984, 1996 apud DE FINA and JOHNSTONE, 2015).

Para a análise dos dados, adota-se o conceito de *pequenas narrativas* (*Small Stories*), um termo que, segundo Bamberg e Georgakopoulou (2008), engloba uma série de atividades narrativas sub-representadas, como relatos de eventos em andamento, eventos futuros ou hipotéticos e eventos compartilhados. Nesse sentido, o foco está na narração como uma atividade que pode assumir diferentes formas, mais ou menos conectadas aos cânones narrativos.

Os dados reunidos foram retirados da rede social da *drag queen* juiz-forana TiTaTully. A partir da busca de postagens em seu *feed*, foram selecionadas uma pequena narrativa

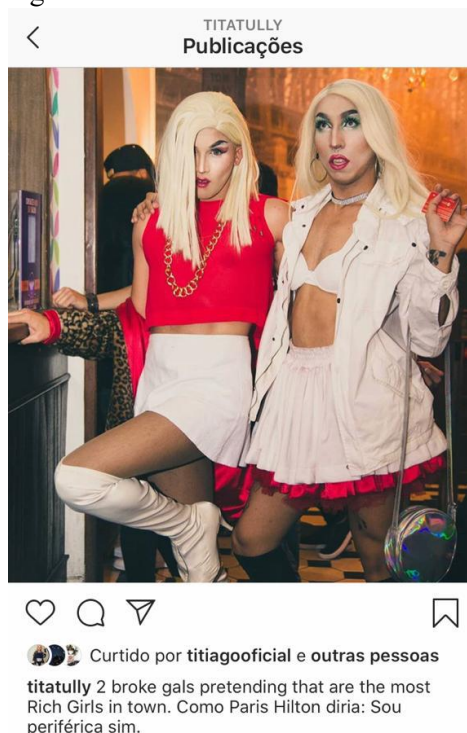
multimodal, na qual a *drag queen* performa aspectos da sua identidade multifacetada enquanto narra a experiência de um personagem construído na performance *drag*.

Como Paris Hilton

No atual contexto brasileiro da *família tradicional*, o discurso é permeado por um laço colonial de uma família normativa europeia burguesa. Em virtude dessas crenças impregnadas nas pessoas do Sul, artistas como TiTaTully, por apresentarem performance subversiva, experimentando, com a performatividade de gênero, a partir de constantes reinvenções e reformulações identitárias, sofrem repressão, violência e exclusão. Assim, quando tratamos de noções como performances e performatividades, entendemos que a elas subjazem as identidades e seus processos de (re)construções, concordando com Pennycook (2006), para quem a identidade não é pré-formada, mas perfomada.

Concebemos que a performance *drag* é uma identidade em política, visto que ocupa espaços de discursos (seus corpos) fora das regras do jogo de linguagem capitalista, europeia, colonialista, performando a desaprendizagem de sua experiência corporal alocada de forma a contestar as normas do sistema moderno-colonial de gênero. Vale ressaltar que, segundo Walter Mignolo (2008, p. 290), “[...] a opção descolonial significa, entre outras coisas, aprender a desaprender”

Figura 2 - Como Paris Hilton.



Fonte: *Instagram*.

Na Figura 2, temos a imagem de TiTaTully – uma *drag queen* da cidade de Juiz de Fora (MG), conhecida pela sua participação no reality show *Rainbow Queens* – ao lado de uma amiga, também *drag queen*, com o dizer “2 broke gals pretending that are the most Rich Girls in town. Como Paris Hilton diria: Sou periférica sim”. Interpretando a imagem e o texto como a (co)construção de uma pequena narrativa multimodal, não canônica, que aponta para ações sociais e para aspectos identitários performados que são, simultaneamente, construídos pelos personagens no processo de interação, é possível traçar alguns entendimentos sobre práticas linguísticas, performance de gênero e subjetividade à luz dos estudos decoloniais.

A primeira possibilidade, se analisarmos as práticas linguísticas presentes na narrativa à luz de epistemologias do Norte – um conhecimento rigoroso, normativo, prescritivo que, segundo Boaventura de Sousa Santos (2018), recusa a experiência e a subjetividade, num esquema dicotômico de *existência ou não existência* –, é possível afirmar que, em virtude dos elementos da *língua inglesa* e da *língua portuguesa*, o discurso de TiTa consiste em uma prática informal da língua, um desvio, que entendido como uma alternância de códigos.

Contudo, como já afirmado anteriormente, o presente artigo sugere uma reflexão direcionada a uma proposta epistemológica de saberes e perspectivas do Sul, compreendendo, assim, a língua como uma ficção, cujas categorizações e nomeações atendem a processos de segregação, de relações de poderes, e de dominação de corpos e conhecimentos. Portanto, partindo dessa concepção, entendemos que a falante performa seu repertório, formulado e reformulado em suas experiências, vivências e emoções, de modo que ela negocia nessa interação sua identidade, suas afinidades bem como sua narrativa sobre si mesma e a performance em exibição.

Em uma possível análise dessa pequena narrativa, podemos destacar, inicialmente, o que numa perspectiva tradicionalista, seria uma atitude subversiva da *drag queen*, ao praticar uma *língua mundial*, a que é conferida um status de poder e saber, que, por sua vez, está atrelado a um indexical periférico. Esse efeito é intensificado pela menção à *socialite* Paris Hilton, visto que sua imagem alude à mulher estadunidense, colonizadora, rica, *europizada* (branca, loira, olhos claros).

Ainda sobre a performance de seu repertório linguístico, ao performar a *língua do colonizador* para descrever sua performatividade, a artista, de forma irônica, ao aludir aos próprios elementos estéticos da sociedade moderna-colonial e ao propor o indexical *periférica*, atrelado a essa imagem, contradiz expectativas ligadas à sua performance, reivindicando uma narrativa hegemônica e subvertendo-a de modo a expor, construir e performar identidades.

Em se tratando especificamente da narrativa construída pelos elementos multissemióticos e pela performance do repertório biográfico da *drag queen*, é possível interpretar essa como uma história de transgressão ou subversão, de realocização de narrativas. No texto da Figura 2, as duas amigas representam um modelo estético, definido pela matriz de inteligibilidade de gênero⁵, do que se refere à figura da mulher ou à feminilidade. No entanto, quando temos a representação dessa história em corpos rotulados como masculinos, essa narrativa hegemônica é contestada e recontada sob a perspectiva de uma performance rejeitada e apagada, vista que contesta uma ideia de que há uma incontestável linearidade entre performance de gênero e sexualidade.

Indo além, a imagem do texto, as roupas usadas pelas *drag queens*, suas posições corporais, suas maquiagens e seus cabelos lisos e loiros indexalizam a imagem de glamour, beleza, riqueza e moda, de acordo com uma visão *norteadada* pelas normas do sistema moderno-colonial de gênero. Contudo, ao dar continuidade à narrativa, a expectativa é subvertida quando temos a performance dos indexicais *broke gals pretending* e *periférica*. Esses indexicais contradizem a narrativa esperada – de uma noite de festa entre duas amigas idealizada por narrativas hegemônicas sobre padrão de beleza, diversão, sucesso e riqueza – não só ao serem representados por corpos *atípicos*, mas também ao tratar-se de pessoas cujas performances de gênero, desejo sexual e posição social são marginalizadas, violentadas e oprimidas numa sociedade construída pelo sistema moderno-colonial de gênero que domina e retira o poder, agentividade social de corpos *desviantes*.

Com efeito, a história contada pelas *drag queens* descentraliza hierarquizações cristalizadas, de forma que a resistência à colonialidade aqui realiza-se, como Lugones (2019) sugere, pelas *diferenças coloniais*, isto é, as condições que separam o colonizador e colonizado. Em outras palavras, a atitude decolonial na narrativa é construída a partir da *falta* daqueles *critérios* que localizam os corpos em performance *neste lado da linha* ao invés *do outro lado*,

⁵ Segundo Judith Butler ([1990] 2017) “a matriz de inteligibilidade de gênero estabelece como ‘normal’, ‘natural’ uma ligação linear entre sexo biológico, gênero, desejo sexual e expressão da subjetividade. A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de ‘identidades’ não possam existir – isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles que as práticas do desejo não ‘decorrem’ nem do ‘sexo’ nem do ‘gênero’. Nesse contexto, ‘decorrer’ seria uma relação política de direito instituído pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade. Ora, do ponto de vista desse campo, certos tipos de ‘identidade de gênero’ parecem ser meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente por não se conformarem às normas da inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2017, p. 44; destaques no original). Essa matriz de inteligibilidade de gênero estabelece uma *unidade de gênero natural*, regulado por relações binárias e sustentado pela crença de identidade de *gênero original* e pré-discursiva. Nesse sentido, segundo Butler (2017), a concepção de uma identidade *coerente, continuada e interna*, instituída pela matriz de inteligibilidade cultural, exige uma heterossexualidade estável e oposicional.

mesmo que haja, conceitualmente, *um esforço* para encaixar-se em modelos narrativos coloniais. Por fim, não podemos deixar de destacar que a narrativa apresentada teria outras formas e significados caso tratasse de corpos não-brancos, afinal como argumenta Lugones (2020) homens e mulheres colonizados, não brancos, foram subordinadas e destituídas de poder de formas diferentes, sofrendo opressões, violências e repressões distintas.

Considerações Finais

A partir das discussões elencadas no presente artigo, é possível afirmar que a língua(gem) perpassa as ideologias que sustentam a ficção do gênero, de modo que constrói e é construída na/pela performance repetida, estilizada e normatizada. Essas ideologias, que se preocupam em regularizar e homogeneizar os nossos corpos, inventam sistemas que regulam nossos atos e marginalizam aqueles que não se encaixam nesses moldes. No que tange à (língua)gem, que é performativa e multimodal e está além da materialidade linguística, regras sobre como pessoas do sexo masculino e do feminino devem vestir-se ou comportar-se – meninos de calças, meninas de vestidos; homens gostam de carros e futebol, mulheres, de maquiagem e sapatos; homens devem ser mais firmes, mulheres, caladas e tímidas, entre outros estereótipos de normatização do comportamento – servem, unicamente a propósitos de dominação e controle social entrelaçado a ideologias colonialistas, que oprimem diversas performances, e principalmente aquelas que se atrevem a subverter e escancarar a ficção que são essas normas.

Além disso, retificamos que os papéis de gênero, como construtos sociais permeados por expectativas de performances associadas ao sexo biológico, servem unicamente aos interesses da colonialidade das relações de gênero (QUIJANO, 2010). Nesse sentido, é importante ressaltar que esse modelo de performances de gênero é eurocêntrico e mercantil, ou seja, os modelos de estilização – desde os padrões estéticos a maneiras de portar-se – surgem na Europa (metrópole), com base no formato de famílias burguesas, para não só fomentar a indústria capitalista, mas também para servir aos interesses de colonização cristãos. O controle do sexo, do seu produto e da sua estética é uma maneira de uniformizar, homogeneizar e normatizar as subjetividades, de modo a *facilitar* a dominação/exploração das colônias. Se apagamos as identidades, as subjetividades e a bibliografia linguística das pessoas, entendendo as *identidades como políticas* (MIGNOLO, 2008), desumanizamos esses indivíduos, extirpando suas particularidades e agências de forma violenta. Como resultado, é arraigada em seu *ser e fazer* uma imposição que impede qualquer forma de libertação do ser.

Nesse sentido, ao conturbar as expectativas de performance de papéis de gênero eurocêntricas, as performances de *drag queens* são potenciais de resistências que confrontam sistemas de violência, opressão, controle de corpos, enfim, de colonialidades. Assim, defendemos essas performances como atos decoloniais, uma vez que, entende-se que essa “se confronta diretamente com os projetos econômicos colonial/imperial” (MIGNOLO, 2008), bem como com regras e modelos de vivência. Ao subverter a estética esperada de seus corpos, as *drag queens* confrontam todo o sistema econômico e cultural de estilização dos corpos.

Contudo, é importante ressaltar que a resistência à colonialidade parece uma tarefa de performances em constante mutação, já que os poderes capitalistas tomam controle das narrativas desses corpos subversivos para atender à lógica capital da exploração-lucro. Um exemplo dessa situação de dominação por apropriação é o *Pink Money*, um processo em que instituições coloniais *valorizam* essas performances subversivas para fim lucrativos, sem verdadeiramente legitimá-las ou reconhecê-las. Isso não significa que a resistência na performatividade seja um trajeto decolonial em vão, afinal, a performatividade da subjetividade estética é um ato de libertação. Além disso, mesmo que poderes coloniais tentem apropriar-se dessas performances e narrativas, sua existência subversiva é, em si, uma deseducação da hegemonia, que controla as relações sociais, desnaturalizando o padrão eurocêntrico, capitalista e patriarcal.

Para além, entendemos que o presente artigo consiste numa contribuição para as pesquisas dentro da LA Indisciplinar e Transgressiva, uma vez que a proposta de análise dos dados defende uma abordagem crítica, compreendendo que categorias tidas como naturais e essenciais, tais como identidade, gênero, sexualidade, raça e linguagem “devem ser compreendidos como contingentes, dinâmicas e produzidas no particular, em vez de serem entendidas como dotadas de status ontológico anterior” (PENNYCOOK, 2006, p. 71). Ao propor uma análise baseada nos conceitos antiessencialistas de performance de gênero (BUTLER, 2017), numa perspectiva de repertórios biográficos (BUSCH, 2015), assumimos o compromisso de uma pesquisa linguística sensível à natureza dinâmica das interações sociais.

Em outras palavras, mesmo diante de situações de conflitos coloniais, a performatividade *drag* de subversão torna visíveis e credíveis outras possibilidades de experiência social, que são invisíveis. Por fim, a reflexão e análise dessas narrativas e performances contra-hegemônicas é um exercício de adotar as vivências e epistemologias do Sul, assim como promover a justiça social e cognitiva, uma vez que a “valorização e o reconhecimento das pequenas experiências humanas podem ser embriões de transformações sociais mais amplas” (SANTOS, 2018, p. 230).

Referências

- ALMEIDA, P. H. **A Questão do Gênero: performance, drag queens e os indícios da subversão possível**. Brasil: Publicação Independente, 2019.
- BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. **Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis**. 2008.
- BORBA, R. A Linguagem Importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu**, p. 441-474, 2014.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão de Identidade**. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- BUSCH, B. Expanding the notion of the linguistic repertoire: On the concept of *Spracherleben*—The lived experience of language. **Applied Linguistics**, v. 38, n. 3, p. 340-358, 2015.
- DE FINA, A.; JOHNSTONE, B. Discourse analysis and narrative. In: HAMILTON, Heidi E.; TANNEN, Deborah; SCHIFFRIN, Deborah. **The handbook of discourse analysis**. John Wiley & Sons, v. 1, p. 152-167, 2015.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). **The Sage handbook of qualitative research**. 5. ed. SAGE Publication, Inc, 2018.
- DOVCHIN, S., PENNYCOOK, A.; SULTANA S. **Popular Culture, Voice and Linguistic Diversity: Young Adults On- and Offline**. NSW, Australia: Palgrave Mcmillian, 2018.
- GADELHA, J. J. B. **Masculinos em Mutação: a performance drag queen em Fortaleza**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2009.
- KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na era da Globalização. In: MOITA LOPES, L.P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. cap. 5, p. 129-147.
- LUGONES, M. Colonialidade e gênero. In: DE HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). **Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. cap. 2, p. 58-94.
- MAKONI, S.; PENNYCOOK, A. Desinventando e (re)constituindo línguas. In: **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 9-34, dez. 2015.
- MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. In: **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n. 34, p. 287-324, 2008.
- MOITA LOPES, L. P.; FABRÍCIO, B. Desestabilizações Queer na sala de aula: “táticas de guerrilha” e a compreensão da natureza performativa dos gêneros e das sexualidades. In:

PINTO, J.; FABRÍCIO, B. (org.). **Exclusão social e microrresistências: a centralidade das práticas discursivo-identitárias**. São Paulo: Cênone, 2013. p. 283-301.

OTHEGUY, R.; GARCÍA, O.; REID, W. Clarifying translanguaging and deconstructing named languages: A perspective from linguistics. **Applied Linguistics Review**, v. 6, n. 3, p. 281-307, 2015.

PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. In: MOITA LOPES, L.P (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. cap. 2, p. 67-83.

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M.P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez Editora, 2010. cap. 2, p. 73-117.

RAMPTON, B. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em Linguística Aplicada. In: MOITA LOPES, L.P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. cap. 4, p. 109-128.

RAMPTON, B.; MAYBIN, J.; ROBERTS, C. Methodological foundations in linguistic ethnography. **Working Papers in Urban Language and Literacies**, [S. l.], n. 125, p. 2-25, 2 fev. 2014.

SANTOS, B. Por que epistemologias do Sul? In: SANTOS, B. de S. **Na oficina do sociólogo artesão: aulas 2011-2016**. São Paulo: Cortez Editora, 2018.

SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. Epistemologias do sul. In: **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez Editora. 2010. p. 637-637.

VERTOVEC, S. Super-diversity and its implications. In: **Ethnic and Racial Studies**, 30:6, 2007.

WORTHAM, S.; REYES, A. **Discourse Analysis Beyond the speech Event**. New York: Routledge, 2015.

Sobre as autoras

Ludmila Mendes Ferreira (0000-0002-8244-729X)

Graduada em Letras, Licenciatura em Português e suas Respectivas Literaturas, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com ênfase em Linguística Aplicada, Translinguagem e Estudos sobre Gênero e Sexualidade.

Ana Cláudia Peters Salgado (0000-0002-6881-3679)

Graduada em Letras - Inglês pela Universidade de São Paulo (1993), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2004) e Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2008). Foi professora associada da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), atuando no ensino de graduação e pós-graduação, pesquisa e extensão, principalmente nos seguintes temas: sociolinguística, contatos linguísticos, bilinguismo, educação bilíngue, ensino de línguas e

formação de professor com vistas à formação de leitores críticos e justiça social. Foi pró-reitora da graduação da UFJF e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Linguística da mesma instituição.

Recebido em outubro de 2022.

Aprovado em dezembro de 2022.